

ALDUÍSIO SOUZA

Estou terminando de sorver o delírio etimológico de Platão no Cratilo, depois de ler Gorgias e fazer uma incrível descoberta. Gostei de Veredas e aqui vão alguns comentários: gostei muito do texto de Paulo, do da Taciana e do pequeno conto do Ronaldo Brito.

O texto de Paulo Medeiros é provocante e faz com que nos atenhamos a ele até o final. É um texto introdutório e por isso mesmo claro e explícito. Discordo entretanto de usar, indiscriminadamente, fala para traduzir "parole". Em 1953 Lacan ainda não havia pensado em "discurso" tal como virá a partir de 70. Ex.: "quebra do discurso para dar luz à fala" (pg. 58).

Creio que a tradução seria assim: "quebra do discurso para dar luz à *palavra*". *Palavra* em itálico, para acentuar sua força.

Por que?

O curso lógico dos enunciados é aqui o que é chamado, penso eu, de discurso. À quebra, emerge o que? A sincronia da quebra desfaz a ilusão da diacronia. O que quebra e por consequência vem à luz é uma palavra que **seria um significante**. Poderia mesmo ser traduzido assim: quebra da fala para dar a luz à *palavra*.

Isso remete à questão que a diacronia é falante e a sincronia é significante. Ou melhor, a vertente sintagmática e sua interrupção pela paradigmática. Sua pontuação, sua escansão.

Em relação ao agalma ou melhor ao artigo de Taciana, tenho uma série de comentários.

Para a dor da mulher, tudo o que paramenta, complementa, ajunta, acresce, etc. é feminino. E a questão é: a falta, no que concerne à mulher é real ou imaginária? Eu responderia, contestando o quadro de Lacan, que ela não é nem imaginária nem real, ela é simbólica.

E creio mesmo que, independentemente do feminismo é uma posição importante na cultura do nosso tempo, registrar a positividade, a dignidade da vagina e não a da ausência de pênis. Seria como se:

-	+	R
+	-	I
(- +)	(+ -)	S,

como que dizer, sim, a proporção harmônica entre os sexos é impossível, mas mesmo assim transamos, **e como!**

Na referência à Transferência, creio que quanto à trama Sócrates, Alcibíades e Agatão, Lacan se equivoca, ao colocar a posição de Sócrates como uma interpretação analítica, pois o que diz Sócrates, se por um lado chama ao 3º e desloca, o identifica com Alcibíades através do **erômenos** dele que é Agatão. O 2º momento da interpretação conduz ao acting out de Agatão, comandado por Sócrates na mudança de lugares. No agir

de Ah, Gatão! Não é Alcibíades que é interpretado, mas o próprio Sócrates ao se fazer erástes e posicionar, comandar Agatão a ser seu erômenos.

Não creio que o feminino no Banquete seja mais que o imaginário de Sócrates, criando Diotima (honra de Deus - de Zeus), seu daimon nas questões do eros quando se trata de transmissão. Pois creio que o feminino aí é mera posição subjetiva. O relato, se me lembro bem, de Apolodoro nos exemplifica já que ele era afeminado, ou seja, encarnava a posição feminina sendo homem.

O texto de Taciana é estritamente correto, o que quero acentuar é minha não concordância com a equivalência.

- Vagina = ausência de pênis.

Isto é imaginário!

Os excessos aqui se tornam ex-sexos, como no caso da histeria e da neurose obsessiva, tanto feminina como masculina. O argumento que Taciana utiliza, na página 48, de Hatshepsut de Aurore Dupin, Rainha Cristina, etc. é o mesmo do caso de Schreber que para escrever tinha de se "fantasiar" de mulher, o que nos remete aos ex-sexos nos casos pathológicos que não são nada mais que estilo diferente de entrada na linguagem via metáfora fundante. Não esquecer que esta metáfora num caso ou no outro, masculino ou feminino, se dá pela interdição do corpo da mãe (uma Mulher). E aí, creio que temos de falar de mundanidades e inclusive da sexualidade de quem pensa e escreve. Por que? Porque é uma relação com o saber que tenta e testa a capacidade de cada um saber que não sabe, ou seja, suportar sua própria ignorância. A História de

Sócrates e sua maiêutica, ou sua mãe (parteira) não deixa de ser intrigante. Todos nós, que nos interrogamos, nos insurgimos, não somos socráticos e parteiros?

A **ignorância** não é se manter no silêncio, mas o **proceder**. **Proceder** quer dizer tornar erótico. Produzir, dar a luz. Mas, este proceder, tornar erótico, produzir, dar a luz não pode ser cobertura da mesquinhez de nossa sexualidade, de torná-la suportável.

O lacanismo é tão radicalmente ligado aos sintomas de seus protagonistas que às vezes a coisa se atropela: e se perverte -: unicidade do erotismo, o social da perversão, o sintoma como cultural e não mais sexual. Diante disto creio que estamos próximos a ter de exigir dos analistas lacanianos que eles façam sua vida erótica pública, pois assim será mais pudico que atualmente.

São as conseqüências disto que atualmente trabalho em Porto Alegre e Curitiba.

